

O /r/ retroflexo no Português caipira como resultado de “interferência” da Língua Geral de São Paulo – uma homenagem à obra de Amadeu Amaral

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i3.3024>

Marcia Santos Duarte de Oliveira¹
Maria de Lurdes Zanoli²

Resumo

No ano do centenário da obra de Amadeu Amaral sobre o Português caipira, neste trabalho revisitamos um conjunto de propostas acerca do /r/ retroflexo, conhecido como “r-caipira”, a fim de, por meio de uma convergência de hipóteses, apresentarmos a proposta de que o /r/ retroflexo falado no interior de São Paulo aponta para uma possível “interferência” da Língua Geral de São Paulo nessa variedade de Português.

Palavras-chave: /r/ retroflexo; Português caipira; interferência; Língua Geral de São Paulo.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; marcia.oliveira@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-4495-9489>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; maluzanoli@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-0743-0404>

The retroflex /r/ in the countrified Brazilian Portuguese as a result of “interference” from the General Language of São Paulo – a tribute to the work of Amadeu Amaral

Abstract

In the centenary year of Amadeu Amaral’s study on countrified Portuguese, in this work, we revisited a set of proposals about the retroflex /r/, known as “r-caipira”, to propose, through a convergence of hypotheses, that the retroflex /r/ spoken in the countryside of São Paulo points to the possible “interference” of the “Língua Geral de São Paulo” in this variety of Portuguese.

Keywords: retroflex /r/; countrified Portuguese; interference General Language of São Paulo.

Palavras iniciais

Este estudo foi pensado e escrito em homenagem ao ilustre Amadeu Amaral no ano do centenário de sua obra: *O dialeto caipira* (AMARAL, 2019 [1920]). Iniciamos o texto, apresentando o /r/ retroflexo caipira e descrevendo o fenômeno. A seguir, apontamos as análises sobre o /r/retroflexo por meio do que chamamos de: hipóteses “alfa, beta e gama”. A hipótese “gama” – que discorre sobre a interferência de línguas africanas e de língua indígenas, via Língua Geral, no fenômeno do /r/ retroflexo – nos levou à realização de uma resenha sobre a Língua Geral (LG); após cada tópico resenhado, inserimos nosso ponto de vista sobre a LG por meio de notas numeradas. Assim, através de uma convergência de hipóteses, apresentamos a proposta de que o /r/ retroflexo falado no Português do interior de São Paulo aponta para uma possível “interferência” da Língua Geral de São Paulo nessa variedade de Português.

O /r/ retroflexo e o Português caipira

Os róticos representam uma classe fonológica que “engloba sons com uma grande variedade de modos e locais de articulação” (LINDAU, 1980, p. 27, tradução nossa³); o /r/ retroflexo é um desses sons. A variante retroflexa do /r/ conhecida como “r-caipira” é comumente atestada no Sul do Brasil (no Paraná), em São Paulo (especialmente no interior), no sul de Minas Gerais, no Mato Grosso do Sul, em Mato Grosso, em Rondônia e em Goiás. Pode também, ainda que de forma esporádica, aparecer na Bahia, em Sergipe, na Paraíba, no Ceará e no Maranhão (NOLL, 2012, p. 343-344). Amadeu Amaral (2019

3 No original: “This phonological class encompasses sounds with a wide variety of manners and places of articulation”.

[1920]) apresentou o /r/ retroflexo como uma das características do dialeto caipira⁴. Abaixo, citamos a produção do /r/ retroflexo segundo Amadeu Amaral (op. cit.):

Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. (AMARAL, 2019 [1920], p. 12).

Estudos sobre o “r-caipira” são bastante atestados⁵; Noll (2012, p. 244) afirma que, devido às migrações das populações do interior paulista para os centros urbanos, o “r-caipira” começou a ser observado também na cidade de São Paulo. Possivelmente, esse rótico também deva ter sido levado a outras áreas do país por fatores migratórios.

As análises sobre o /r/ retroflexo que se apreendem em três hipóteses

Nesta subseção, apresentamos as hipóteses sobre o /r/ retroflexo atestadas na literatura especializada. Identificamos essas propostas pelo nome de letras gregas a fim de evitarmos a interpretação de serem lidas por ordem de importância ou ainda por “temporalidade” caso optássemos por numerá-las. Assim, as denominamos de hipóteses “alfa”, “beta” e “gama”.

- *Hipótese ‘alfa’*: a interferência de línguas indígenas no fenômeno do /r/ retroflexo

Inseridas na “hipótese alfa”, três propostas são apreendidas, ligando o /r/ retroflexo à interferência de línguas indígenas:

- (i) o “Tupi original” não tinha, entre outros, o fonema /l/, fazendo com que os indígenas, ao adotarem o Português, passassem a representar o fonema /l/ por /r/ (nesse caso, um rótico) – Robl (1985, p. 161).
- (ii) Freitas (1936, p. 61) aponta para a inexistência de /l/ em “Tupi-Guarani”:

4 O “falar caipira”, segundo Amaral (2019 [1920], p. 5), teria dominado até fins do século XIX na área sob enfoque, atingindo a grande maioria da população e, inclusive, a minoria culta.

5 Ver, entre outros, Cunha (1968, p. 83); Rodrigues (1974, p. 162); Mello (1975 [1946], p. 106); Robl (1985, p. 167); Head (1987, p. 5-39); Guiotti (2002); Leite (2004); Carvalho (2006), Brandão (2007, p. 265-283); Leite (2012); Noll (2012, p. 343-344); Santiago-Almeida (2013, p. 24-25); Carreão (2017).

Da inexistência [sic.] da consoante /l/ no linguajar tupi-guarani, é que adveiu [sic.] o vício [sic.] de locução, entre os velhos paulistas, vício [sic.] [...] que os obrigava a pronunciar *muié, fio*, por mulher, filho; *porvora, parma*, por polvora, palma, etc. (FREITAS, 1936, p. 62).

- (iii) Ferreira Netto (Manuscrito) propõe que a origem do “r-caipira” esteja ligada a línguas do grupo Macro-Jê na região paulista. Segundo o autor (op. cit.):

A presença de línguas macro-jê nesse contexto cria novas possibilidades de interpretação de fatos linguísticos do português paulista, como a ocorrência da articulação áptico-pré-palatal, conhecida como “r-caipira” ou retroflexa. Trata-se de um fato linguístico próprio de línguas do tronco macro-jê, mas não da família linguística tupi-guarani. (FERREIRA NETO, Manuscrito).

- *Hipótese ‘beta’*: o fenômeno do /r/ retroflexo como continuidade de um ‘traço’ do Português antigo (“deriva secular”)

A “hipótese beta” está atrelada à conhecida proposta chamada de “deriva secular” que objetiva explicar que o Português falado no Brasil é uma continuação de fenômenos do Português arcaico com pequenas alterações – ver Naro e Scherre (2007, p. 13).

Santiago-Almeida (2013, p. 26), citando Huber (1933, p. 143), corrobora a proposta de que a passagem de /l/ a /R/ no grupo formado por consoantes + /l/ é característica do português antigo. Santiago-Almeida (op. cit.) cita ainda Penha (1970, p. 33) que afirma que a passagem de /l/ a /R/ é um processo bastante frequente em falares interioranos do Brasil e se relaciona ao português antigo. Em vários trechos de Robl (1985), menciona-se a hipótese da “deriva secular”. No entanto, o autor (op. cit.) deixa claro que o contato com as línguas indígenas e africanas no português popular do Brasil tenha acelerado o processo de deriva relacionado à passagem de /l/ a /R/.

- *Hipótese ‘gama’*: a interferência de línguas africanas e de línguas indígenas, via Língua Geral, no fenômeno do /r/ retroflexo

A “hipótese gama” se relaciona à proposta de Robl (1985, p. 167-168): o autor (op. cit.) aponta para “o sistemático rotacismo que se verifica no brasileiro” – Brasileiro é o nome dado à Língua Geral (LG) por Edelweiss (1969, p. 109-111) e corroborado por Robl (op. cit.). Assim, o rotacismo atestado na LG é resultado da “ação aloglótica de índios tupis e guaranis e dos escravos bantos e sudaneses que consolidaram, no Brasileiro, um sistemático rotacismo” – Robl (1985, p. 168, o sublinhado é nosso)⁶.

6 Para Robl (1985, p. 168), o aparecimento do /r/ retroflexo é uma “imperfeita substituição do /l/ velar pelo /r/, vibrante “fraco”, permanecendo, contudo, um compromisso entre ambos”.

A seguir, em sequência à “hipótese gama” – em que se propõe que a interferência de línguas indígenas e africanas no fenômeno do /r/ retroflexo do Português caipira não tenha se dado de forma direta, mas por meio de traços dessas línguas na formação da Língua Geral –, apresentamos uma breve resenha sobre a LG, seguida de nosso ponto de vista sobre a LG adotado no trabalho.

Breve resenha de subtemas ligados à Língua Geral no Brasil com notas sobre o nosso ponto de vista acerca desta língua⁷

Nesta seção, apresentamos uma breve resenha sobre a Língua Geral (LG) no Brasil⁸, evidenciando a LG de São Paulo (LG-SP), no intuito de que, ao apontarmos as principais abordagens que envolvem a LG, possamos deixar clara a posição que adotamos neste trabalho que é a de considerarmos a LG-SP a língua de ancestralidade dos falantes do Português caipira. Assim, após cada tópico resenhado, inserimos nosso ponto de vista por meio de notas numeradas.

A hipótese de três LG no Brasil

São três as Línguas Gerais (LG) no Brasil citadas na literatura especializada: (i) a LG-SP – ver Rodrigues (1986, p. 102), Rodrigues (1996, p. 7), Holanda (2018, p. 146-158); (ii) a LG amazônica ou Nheengatu – ver Rodrigues (1986, p. 102), Da Cruz (2011, p. 3);⁹ (iii) a LG do sul da Bahia – ver Lobo, Machado Filho, Mattos e Silva (2006); Argolo, (2016, p. 20).

Nota 1: Seguindo algumas propostas, corroboramos a ideia de que a LG “pode ter sido uma língua criada no Brasil antes mesmo da chegada do colonizador português.” (OLIVEIRA; ZANOLI; MÓDOLO, 2019, p. 329). Pesquisadores deram à LG diferentes nomes que podem apontar para variedades em locais e tempos distintos no Brasil, além das três línguas apontadas acima. Assim, citamos alguns nomes referentes à LG apontados em trabalhos diversos: (i) “Tupinambá” (MÉTRAUX, 1948, p. 95); (ii) “Nheengatu” (falado em São Paulo) que teria como sinônimos: “Tupi”, “Guarani”, “Abanheenga” (FREITAS, 1936, p. 51); (iii) “Brasilião” (EDEWEISS (1969, p. 109-111).

7 Baseamo-nos, quanto a subtemas ligados à temática LG, em Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 313-318).

8 É importante dizer que o conceito de LG se estende também para fora do território brasileiro. Rodrigues (1996, p. 9) apresenta a LG falada no Paraguai (“guarani crioulo”); em Navarro (2012, p. 245), abordam-se as LG faladas na Venezuela e Colômbia. No entanto, essas LG não são resenhadas neste trabalho.

9 Para uma história da LG amazônica, ver Bessa Freire (2011).

A hipótese mameluca

Rodrigues (1986, p. 6) afirma que a Língua Geral de São Paulo, o Guarani Crioulo e a Língua Geral Amazônica são produtos de “miscigenação em grande escala de homens europeus com mulheres indígenas”¹⁰. À miscigenação das “raças” ameríndia e portuguesa apontadas em vários trabalhos e que originou a sociedade falante de LG, chama-se de “hipótese mameluca”¹¹ – ver também Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 315-316).

Nota 2: Seguindo Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 321-324), corroboramos o multilinguismo na área de São Paulo no século XVIII, que, além do Português, “nutria-se” de distintas línguas pertencentes a duas macros ancestralidades: a ameríndia e a africana. Logo, os falantes da LG-SP não seriam parte de uma sociedade mameluca, mas parte de uma sociedade miscigenada que incluía também o elemento negro escravizado – ver, em Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 233-234), documento que atesta essa miscigenação na área de São Paulo.

A hipótese da LG ligada à Linguística Histórico-Comparativa

Segundo Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 314), “a posição advogada pela maioria dos linguistas com relação à LG é a de inserir esta língua na ‘teoria da árvore genealógica’ (*Stammbaumtheorie*)”. Em Dietrich (2010, p. 25), a LG – que o autor (op. cit.) se refere como Nheengatu – pertence ao *Ramo III: Costa brasileira da Família Tupi-Guarani*. Para Da Cruz (2011, p. 3), a LG – que a autora (op. cit.) também se refere como Nheengatu – é parte do *Ramo III: Tupinambá da Família Tupi-Guarani*¹².

Nota 3: neste trabalho, seguimos na direção de Freitas (1936, p. 51) e de Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 324-329) e corroboramos a hipótese de que a LG-SP seja uma língua de contato do tipo “crioula” e não uma língua indígena inserida na “teoria da árvore genealógica”; veja a hipótese a seguir.

10 Holanda (2018 [1944], p. 153) aborda sobre a “mistura assídua de duas raças e duas culturas” na área de São Paulo. Robl (1985), ao mencionar sobre a Língua Geral, cita o que chama de “primeiro momento” dessa língua que, para o autor (op. cit.), é o “tupi original ou brasílico” que sofre a ação do Português. “Nessa fase, em que é escasso o elemento branco e em que predomina o aborígine, dá-se o primeiro contacto inter-racial, que engendra o “mameluco bilíngue” – Robl (1985, p. 162). Faraco (2018, p. 30) aponta que “em São Vicente/São Paulo as alianças foram duradouras, o que estimulou a miscigenação e a constituição de inúmeras entidades familiares reunindo homem português e mulher indígena.”.

11 Ver Rodrigues (1996, p. 6).

12 Freitas (1936) – um trabalho de História centrado na área de São Paulo, contendo partes lexicográficas – utiliza o termo “Tupi-Guarani” para se referir ora como uma língua (FREITAS, 1936, p. 16, 61) ora como um tronco linguístico (FREITAS, 1936, p. 29).

A hipótese da LG-SP ligada ao contato linguístico

Robl (1976) propôs que a LG do Brasil costeiro seja fruto de contatos linguísticos heterogêneos e, portanto, uma língua de intercâmbio. Robl (1976, p. 1-5), ao mencionar sobre a LG do Brasil costeiro¹³, o faz por meio de fases, apresentando três “momentos” dessa língua: (1) a fase do Tupi original ou Brasília; (2) o Brasileiro que constituía uma “simples acomodação linguística, resultante da extraordinária miscigenação entre índios e brancos, e entre tupis e jês, mercê dos aldeamentos linguisticamente heterogêneos”; (3) o Nheengatu “um dialeto tupínico de intercâmbio”. Oliveira, Zanolli e Módolo (2019, p. 239) argumentam a favor da LG como uma língua criada (do tipo “língua crioula”).

Nota 4: corroboramos a proposta da LG-SP ligada ao contato linguístico. Pensamos ser importante também mencionar que a LG-SP tenha sido o primeiro núcleo de LG no Brasil¹⁴ e que o termo “Nheengatu” seja um dos seus nomes referendados na literatura especializada, não se tratando, portanto, de um nome apenas ligado à LG amazônica – ver Freitas (1936, p. 51). No sentido de Thomason (2009, p. 41), consideramos que a LG, como uma língua crioula: (i) tenha sistema gramatical e lexical que não podem ser apontados a partir de língua aparentada nem mesmo relaciona-se a duas línguas em específico¹⁵; (ii) seja produto de um desenvolvimento histórico que pode ocorrer de diferentes maneiras e de diferentes graus; (iii) seja fruto de um contexto multilíngue em que as línguas que participam de sua formação são, em sua maioria, línguas não próximas; assim, corroboramos que não tenha sido apenas o Tupi, o Guarani e o Português os formadores da LG. Muitas etnias indígenas distintas e falando línguas distintas (chamadas de tapuias) participaram da formação da LG e ainda muitas etnias e línguas africanas distintas¹⁶.

13 Chamamos a atenção do leitor para Dietrich (2010, p. 25); o autor (op. cit.), ainda que esteja inserido em uma proposta de Linguística Histórica-Comparativa, propõe que o Nheengatu seja pertencente ao *Ramo III: Costa brasileira da Família Tupi-Guarani*. No mesmo grupo do Nheengatu, Dietrich (op. cit.) insere as línguas Cocama e Omáguia; essas línguas são tratadas por Cabral (1995) e Cabral e Rodrigues (2003) como línguas “crioulas”.

14 Essa proposta é apresentada em Oliveira e Zanolli (no prelo, seção 2.1).

15 Por essa razão, é equivocada a definição de língua crioula apresentada por Bessa Freire (2011, p. 71): “a definição de língua crioula implica a formação de uma língua mista, cujo léxico provém de uma língua dominante, mas as características sistêmicas são da língua dominada.” Essa definição de Bessa Freire (op. cit.), que relaciona as línguas Tupi e Português na formação da LG não está em concordância com os linguistas estudiosos do contato, pois tal definição liga-se a “misturas bilíngues” e não a línguas crioulas. Sobre “misturas bilíngues”, ver Bakker e Muysken (1994), Winford (2003, p. 168-207) e Thomason (2009, p. 42-49).

16 O imenso entrechoque cultural ocorrido no Brasil colonial acentuou-se com a importação de milhões de escravizados africanos, que, de acordo com Robl (1985, p. 162), já chegavam no Brasil falando um “português caçanje”; para Robl (op. cit.), tratava-se de um dialeto do Português falado em Angola. Esse é também o termo utilizado para denominar o Português “mal falado” – sobre o Português caçanje, ver Lima (2007). Logo, muitos africanos podem ter chegado ao Brasil já falando uma variedade de Português.

A hipótese da LG como língua de ancestralidade dos falantes do Português caipira

Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 317) acentuam a importância de pesquisas centradas em variedades de Português faladas no Brasil em áreas em que a Língua Geral tenha ou tem sido atestada. Os autores, citando Morales (2002, p. 61), apontam para a área em que deva ter se dado o “recuo da LG em São Paulo”; nessa área pode, então, ter se originado o falar “caipira”.

Nota 5: neste trabalho, corroboramos a proposta de Morales (2002) e de Oliveira, Zanoli e Módolo (2019) de que a LG seja a língua de ancestralidade dos falantes do Português caipira e apontamos ainda outros autores que seguem a mesma hipótese: Petrone (1995), Santiago-Almeida (2013), Holanda (2018), Oliveira e Zanoli (no prelo). Petrone (1995, p. 135) afirma que a mudança da LG de São Paulo para o Português é consequência do desmantelamento dos aldeamentos indígenas. Em Santiago-Almeida (2013, p. 25) também se corrobora a proposta de que o Português caipira tenha suas bases na Língua Geral de São Paulo. Holanda (2018, p. 156) discorre sobre o desaparecimento da LG, que, para o autor, se deu de forma lenta e não uniforme; na segunda metade do século XVIII, a mudança para a língua portuguesa ainda não tinha ocorrido em algumas áreas. Para Oliveira e Zanoli (no prelo), nessas áreas paulistanas, ocorreu um processo de “language shift”¹⁷ da LG para o Português, envolvendo um grande contingente de falantes “caboclos”.

Para uma convergência de hipóteses a fim de corroborarmos o /r/ retroflexo do Português caipira como resultado de possível “interferência” da Língua Geral de São Paulo

A proposta que desenvolvemos sobre o /r/ retroflexo do Português caipira segue em direção a uma convergência das hipóteses apresentadas anteriormente. Como visto, o /r/ retroflexo atestado no Português caipira tem sido analisado como resultado da interferência de várias e distintas línguas apresentadas por meio das hipóteses “alfa”, “beta” e “gama”: (i) línguas indígenas, (ii) línguas africanas e o (iii) Português antigo. Na hipótese ‘gama’, é proposto que a interferência de línguas indígenas e africanas no fenômeno do /r/ retroflexo do Português caipira não tenha se dado de forma direta, mas por meio de traços dessas línguas na formação da Língua Geral de São Paulo (LG-SP). Logo, corroboramos a hipótese ‘gama’, mas inserimos também o Português do período colonial inicial como uma língua participante da criação da LG-SP. É preciso, portanto, deixar claro que concordamos com propostas anteriores de que a LG-SP não seja uma

17 “Acerca de *language shift* (mudança), limitamo-nos a dizer que se trata de um fenômeno do contato linguístico estritamente ligado à aquisição de uma segunda língua – daqui em diante, SLA (*second language acquisition*). No entanto, não se está falando em processos de SLA envolvendo ‘indivíduos’, mas sim de SLA de um grupo “inteiro” que adquire uma ‘língua alvo’ – daqui em diante, TL (*target language*)”. (OLIVEIRA; ZANOLI; MÓDOLO, 2019, p. 309).

das línguas da Família Tupi-Guarani, mas sim uma língua do tipo “crioula” que foi criada na costa brasileira por falantes em situação de contatos multilíngues.

Holanda (2018, p. 149-151) afirma que, no século XVII, a Língua Geral era mais conhecida entre os paulistas do que a própria língua portuguesa. Logo, se a LG-SP suplantava a própria língua do colonizador, é importante pensar na interferência da LG-SP em uma parte do sistema fonológico do falar caipira, resultando em uma das características mais marcantes dessa fala: o /r/ retroflexo. Sobre o termo “interferência”, que é apresentado por diferentes termos na literatura especializada, citamos Weinreich (1968 [1953]):

O termo interferência implica no rearranjo de certo padrão que é resultado da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais estruturados de uma língua, como grandes partes do sistema fonêmico, morfológico e sintático e ainda de algumas áreas do vocabulário. (WEINREICH, 1968 [1953], p. 1, tradução nossa)¹⁸.

Como apresentado na hipótese ‘gama’, a LG-SP não atestava fonemas laterais; assim, o aparecimento do /r/ retroflexo surgiu como “interferência” de um aspecto fonológico da LG nessa variedade de Português.

Não há como analisar o fenômeno do /r/ retroflexo sem envolver o contato de línguas indígenas Tupi-Guarani e Macro-Jê na região do Português caipira. Entretanto, seguimos Oliveira, Zanoli e Módolo (2019, p. 322) que afirmam que não foram apenas os Tupi (ou os Tupi-Guarani) e os Macro-Jê que habitavam na área sob enfoque. Segundo os autores (op. cit.), as línguas até então atestadas nessa região paulistana incluíam, além do Carijó (Tupi-Guarani) e do Kayapó e Bororo (Macro-Jê), o Pareci (Aruaque)¹⁹. Assim, a nosso ver, atrelar o aparecimento do /r/ caipira do Português ao Tupi-Guarani (que teria reinterpretado a ausência do /l/(lh/) como /r/ retroflexo) ou ao Macro-Jê (que tem o som /r/ retroflexo) é “circular”, pois não se poderia de fato comprovar qual dessas “interferências” na área em destaque é a responsável pelo aparecimento do /r/ retroflexo caipira. Porém, se pensarmos que esses dois grupos de famílias indígenas entraram na composição da LG-SP, além dos Pareci (e possivelmente ainda outros grupos), é mais coerente propor que seja a LG-SP e não uma família de língua indígena específica que tenha influenciado a composição do /r/ retroflexo do Português caipira.

18 No original: “The term interference implies the rearrangement of pattern that result from the introduction of foreign elements into the more highly structured domains of language, such as the bulk of the phonemic system, a large part of morphology and syntax, and some areas of the vocabulary [...]”.

19 Ver Morales (2002, p. 50).

A proposta da “deriva secular” afirma que a passagem de /l/ a /r/ retroflexo atestada no Português antigo tenha sido introduzida em falares do Português colonial, auxiliando a corroborar o surgimento do /r/ retroflexo no português do interior de São Paulo. Porém, o Português colonial também influenciou na criação da LG-SP que o suplantou na área por mais de um século. Logo, mantemos nossa proposta de que tenha sido a LG-SP que interferiu no Português caipira com relação ao /r/ retroflexo.

Quanto à participação de línguas africanas no aparecimento do /r/ retroflexo do Português caipira, Oliveira, Zanolí e Módolo (2019, p. 322) apresentam evidências sobre escravizados de proveniência da Guiné e dos reinos de Angola e do Congo na área interiorana de São Paulo. Em Robl (1985, p. 167), atesta-se que as línguas de escravos bantos e sudaneses não possuíam o fonema /l/ e tinham apenas um /r/ sonoro; logo, segundo o autor (op. cit.), o fonema lateral pode ter sido substituído pelo rótico “nos falares rurais” (ROBL, 1985, p. 156). No entanto, atrelar o aparecimento do /r/ caipira diretamente a línguas africanas faladas nessa área também seria uma proposta circular a nosso ver, pois, qual(ais) língua(s) africana(s) falada(s) na região não possuía(m) o fonema /l/, tendo apenas um /r/ sonoro? Assim, enfatizamos a proposta de que algumas línguas africanas tenham participado da composição da LG-SP, sendo, portanto, a LG-SP que influenciou o surgimento do /r/ retroflexo no Português caipira.

Palavras finais

Corroborando propostas de que a Língua Geral de São Paulo (LG-SP) seja uma língua de contato do tipo “crioula” e não uma língua Tupi-Guarani, nesse texto, a partir de uma convergência de hipóteses, assumimos que a LG-SP seja a língua de ancestralidade dos falantes do Português do interior de São Paulo. Assim, nossa proposta é a de que não tenham sido nem as línguas indígenas (Tupi-Guarani e Macro-Jê) nem as línguas africanas (bantas e sudanesas) nem, contudo, o Português colonial as línguas diretamente responsáveis pela formação do fenômeno do /r/ retroflexo no Português caipira. A nosso ver, teria sido uma reunião de fenômenos ligados ao rótico nessas línguas que influenciaram a formação da LG-SP, sendo a LG-SP a língua que causou a interferência no Português caipira no que concerne ao fenômeno do /r/ retroflexo.

Agradecimentos

Esse artigo foi realizado sob os auspícios do CNPq (Bolsa CNPq de Produtividade de Pesquisa de Márcia Oliveira; Processo: 306848/2018-0) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, concedido à Maria de Lurdes Zanolí.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. Iba Mendes Editor Digital. Livro Digital n. 306. 2. ed. 2020. 2019 [1920]. Disponível em: <http://ibamendes.org/O%20Dialeto%20Caipira%20-%20Amadeu%20Amaral%20-%20IBA%20MENDES.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

ARGOLO, W. As línguas gerais na história social-linguística do Brasil. *Revista Papia*, v. 26, n. 1, p. 7-52, 2016.

BAKKER, P.; MUYSKEN, P. Mixed languages and language intertwining. In: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (ed.). *Pidgins and creoles – An introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 41-52.

BESSA FREIRE, J. R. *Rio Babel – a história das línguas na Amazônia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Atlântica, 2011.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -R Retroflexo. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.

CABRAL, A. S. A. C. *Contact-Induced language change in the Western Amazon: the non-genetic origin of the Kokama language*. 1995. Tese (Doutorado) – University of Pittsburg, 1995.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Evidências de crioulização abrupta em Kokáma? *Revista Papia*, v. 13, n. 1, p. 180-186, 2003.

CARREÃO, V. A variante rótica retroflexa no português brasileiro: uma caminhada pela linguística histórica. *Web-Revista SOCIODIALETO, NUPESDD, LALIMU*, v. 7, n. 20, 2017.

CARVALHO, K. C. H. P. Estudo fonético-acústico dos róticos no português e no espanhol para uma aplicação pedagógica. *Estudos Lingüísticos*, v. XXXV, p. 1090-1096, 2006.

CUNHA, C. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

DA CRUZ, A. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: a Língua Geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht: Netherlands Graduate School of Linguistics, 2011.

DIETRICH, W. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. (org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-25.

EDELWEISS, F. G. *Estudos Tupis e Tupis-Guaranis: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969.

FARACO, C. A. Aspectos da história socioeconômica e linguística do Brasil. *Diadorim*, Rio de Janeiro 20, especial, p. 23-52, 2018.

FERREIRA NETTO, W. *Línguas indígenas em São Paulo*. Manuscrito.

FREITAS, A. A de. *Vocabulário Nheengatu* (Vernaculizado pelo português falado em São Paulo). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GUIOTI, L. P. *O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2002.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do "R caipira". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018 [1944].

HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

LEITE, C. M. B. *Atitudes Lingüísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEITE, C. M. B. Um estudo fonético-acústico do /R/ vocalizado em posição de coda silábica. *D.E.L.T.A.*, v. 28, n. 2, p. 217-243, 2012.

LIMA, I. S. Entre a língua nacional e a fala caçanje. Representações sociais sobre a língua no Rio de Janeiro Imperial. In: OLIVEIRA, C. H. de S.; COSTA, W. P. (org.). *De um Império a outro. Estudos sobre a formação do Brasil, séculos XVII e XIX*. São Paulo: FAPESP/HUSITEC, 2007. p. 63-99.

LINDAU, M. The Story of /r/. *UCLA Working Papers in Phonetics*, Los Angeles, n. 51, 1980.

LOBO, T. C. F.; MACHADO FILHO, A. V. L.; MATTOS e SILVA, R. V. Índícios de língua geral no sul da Bahia na segunda metade do século XVIII. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (ed.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 609-630.

MELLO, G. C. *A língua do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975 [1946].

MÉTRAUX, A. The Tupinambá. In: STEWART, J. H. (ed.). *The handbook of South American Indians*. v. 3. Washington, DC: Government Printing Office, 1948. p. 95-139.

MORALES, W. *Índios e africanos na Jundiá colonial*. Jundiá: Secretaria de Planejamento w Meio Ambiente. 2002.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola. 2007.

NAVARRO, E. O último refúgio da Língua Geral no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 26, n. 76, p. 245-254, 2012.

NOLL, V. Mudanças na realização de /î/, /r/ em português. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 337-348.

OLIVEIRA, M. S. D.; ZANOLI, M. L.; MÓDOLO, M. O conceito de "Língua Geral do Brasil" revisitado à luz da linguística de contato. *Journal of Ibero-Romance Creoles*, v. 9, p. 306-333, 2019.

OLIVEIRA, M. S. D.; ZANOLI, M. de L. O modo *irrealis* e a variedade de português Jundiá-Louveira/SP, Brasil: uma proposta de 'interferência' da Língua Geral de São Paulo na variedade. In: FIGUEIREDO, C. F. G.; GONÇALVES, R.; TJERK, H.; OLIVEIRA, M. S. D. (org.). *Novas dinâmicas do português: a África atlântica e o Brasil*. Lisboa: Chiado/Universidade do Libolo. No prelo.

PENHA, J. A. P. *A arcaicidade da língua popular brasileira*. 1970. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de Franca, Franca, 1970.

PETRONE, P. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: EdUSP, 1995.

ROBL, A. Os momentos do tupi. *Letras*, Curitiba, v. 25, 1976.

ROBL, A. Alguns problemas da influência tupi na fonética e morfologia do português popular do Brasil. *Letras*, Curitiba, v. 34, p. 145-154, 1985.

RODRIGUES, A. D. As línguas gerais sul-americanas. *Revista Papiá*, v. 4, n. 2, p. 6-18, 1996.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. Ática Ensaio, São Paulo, v. 5, 1974.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Desde antes do português brasileiro. *Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Sinop, v. 6, n. 12, 2013.

THOMASON, S. A typology of contact language. In: HOLM, J.; MICHAELIS, S. (ed.). *Contact languages: Critical concepts in language studies*. v. 5. New York: Routledge, 2009. p. 38-55.

WEINREICH, U. *Languages in contact: Findings and problems*. 6th. edition. The Hague: Mouton, 1968 [1953].

WINFORD, D. *An Introduction to Contact Linguistics*. Hoboken, New Jersey: WileyBlackwell, 2003.